



RELAÇÃO ENTRE ÉTICA E A INTERSUBJETIVIDADE NA PERSPECTIVA DE LÈVINAS E DA QUALIFICAÇÃO DO TÓPICO 28 PELO SUBMODO 32 NA TERAPÊUTICA DE LÚCIO PACKTER

THE RELATIONSHIP BETWEEN ETHICS AND INTERSUBJECTIVITY FROM LÈVINAS' PERSPECTIVE AND THE QUALIFICATION OF TOPIC 28 BY SUBMODE 32 IN THE LÚCIO PACKTER'S THERAPY

Elcio Joél Pastorio*

RESUMO

A pesquisa busca descrever a qualidade da Interseção entre filósofo clínico e partilhante (Tópico 28), como Submodo, na terapêutica de Lúcio Packter, inspirado na filosofia de Emmanuel Lèvinas, especialmente na perspectiva de outros submodos como Recíproca de Inversão e Princípios de Verdade. A análise bibliográfica, fenomenológica e descritiva, evidencia que a Ética da alteridade em Lèvinas inverte o paradigma do ser ao colocar o Outro como Outrem, absolutamente Outro, em sua anterioridade e transcendência, em relação ao Sujeito. O filósofo clínico busca suspender temporariamente seus valores pessoais, crenças e noções de mundo que possui, à priori, a fim de escutar e cuidar com responsabilidade ética da singularidade existencial de quem o procura por seus serviços, o partilhante, uma vez que a terapia seja uma construção compartilhada. Na sociedade aparecem outros do Outro e as interseções ocorrem com outras pessoas para além do terapeuta e do partilhante. Ainda que Packter e Lèvinas não aprofundem a questão da socialidade, nossa pesquisa se vale das noções de suas filosofias para descrever a relação ética da vida no consultório.

Palavras-chave: Emmanuel Lèvinas; ética; interseções de EPs (tópico 28); princípios de verdade (submodo 32); socialidade.

ABSTRACT

The research seeks to describe the quality of the Intersection between clinical philosopher and sharer (Topic 28), as Submode, in Lúcio Packter's therapy, inspired by the philosophy of Emmanuel Lèvinas, especially from the perspective of other submodes such as Reciprocal Inversion and Principles of Truth. The bibliographic, phenomenological and descriptive analysis shows that the Ethics of otherness in Lèvinas inverts the paradigm of being by placing the Other as the Other, absolutely Other, in its anteriority and transcendence, in relation to the Subject. The clinical philosopher seeks to temporarily suspend his personal values, beliefs and notions of the world that he possesses, a priori, in order to listen and care with ethical responsibility for the existential singularity of whoever seeks him for his services, the sharer, once the therapy is a shared construction. Others from the Other appear in society and intersections occur with people other than the therapist and the sharer. Even though Packter and Lèvinas do not delve into the issue of sociality, our research uses the notions of their philosophies to describe the ethical relationship of life in the office.

Keywords: Emmanuel Lèvinas; ethics; EP intersections (topic 28); principles of truth (submode 32); sociality.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo busca estabelecer uma relação entre a Ética, a qualificação do Tópico 28 da Estrutura de Pensamento pelo Submodo 32 (Princípios de Verdade) na perspectiva da subjetividade em Lúcio Packter e Emmanuel Lèvinas.



Na Filosofia Clínica, sistematizada por Lúcio Packter, o Tópico 28 da Estrutura de Pensamento diz respeito às Interseções de EPs, que podem ocorrer das mais variadas formas, intensidades, qualificações, dependências, subordinações e determinações, envolvendo terapeuta, partilhante e todas as Estruturas de Pensamento com que ambos têm relação, resultando numa rede de interseções, algumas até irreconhecíveis ou de difícil identificação.

Na clínica filosófica a relação que clama por responsabilidade ética é a interseção que se estabelece entre o terapeuta e o partilhante, onde este é acolhido, escutado e respeitado em sua singularidade, ao seu modo e ao seu tempo, desencadeando uma prática clínica altamente personalizada¹. A interseção, *a priori*, o terapeuta nada, ou muito pouco, conhece do partilhante e na pesquisa clínica, através da Historicidade, a construção compartilhada do conhecimento ocorre por aproximação, dada a impossibilidade de conhecimento completo sobre a história de vida e a subjetividade do Outro.

A Interseção entre a Estrutura de Pensamento do filósofo clínico e do partilhante no espaço/tempo da clínica pode ganhar contornos de melhor qualificação com a identificação e a vivência terapêutica do Submodo 32 (Princípios de Verdade), que poderão viabilizar a qualidade da relação clínica.

Em Lèvinas, a Ética da alteridade na relação entre o Mesmo e o Outro faz deste um absolutamente Outro, em sua anterioridade e transcendência desde sempre em relação àquele. “[...] A ética, mais que relação, é [...] experimentar ‘em mim a idéia (*sic*) do infinito que é o Outro’ como limite do ‘eu posso poder’ e como primeira aproximação ao Outro; [...] experimentar a bondade do ‘recebimento do Outro em mim’ [...]”. (Costa, 2000, p. 139, grifos do autor).

O Eu não sabe sobre o Outro, mas sua existência é dada a conhecer na intersubjetividade ética. O Eu experiencia o infinito que é o Outro como primeira aproximação, sem que possa poder sobre ele, mas com uma responsabilidade Ética impositiva que tem o apelo no Rosto do Outro. Lèvinas e Lúcio Packter, cada um à sua maneira, e com suas especificidades próprias, tratam da relação intersubjetiva.

¹ A Filosofia Clínica foi sistematizada com fundamento em mais de 2500 anos de Filosofia. Entretanto no modelo organizacional da mesma, os 30 tópicos da Estrutura de Pensamento são vazios de conteúdo *a priori*. Os tópicos da Estrutura de Pensamento de cada partilhante serão preenchidos pelos conteúdos que habitam a malha intelectual do próprio partilhante. Considerando que cada partilhante é único em sua singularidade e que a Filosofia Clínica exige do terapeuta uma pesquisa individualizada na historicidade de cada partilhante para o planejamento clínico, o professor Gilberto Sendtko, do Instituto Sendtko de Ensino Superior, cunhou a expressão *terapia altamente personalizada* para definir melhor essa especificidade da Filosofia Clínica.



Lèvinas reflete diretamente a relação na Filosofia, ao estabelecer a concepção da Ética da alteridade. Packter não faz menção aos termos Mesmo e Outro na Filosofia Clínica, mas, por aproximação de ideias, pode-se utilizá-los na Interseção de EP entre filósofo clínico e partilhante, na clínica. Ambos destacam a primazia da responsabilidade ética para com a singularidade do Outro, de todos os “Outros”.

Embora esses filósofos não apresentem em seus escritos e seus fundamentos uma proposta de sociedade, infere-se que ambos, às suas próprias peculiaridades, refletem uma relação intersubjetiva possível através de uma interseção Ética no face-a-face.

2 A ÉTICA NA RELAÇÃO INTERSUBJETIVA EM EMMANUEL LÈVINAS

Ante à tradicional Filosofia Ocidental, eminentemente eurocêntrica, que historicamente sustentou e defendeu o primado ontológico do ser, colocando a identidade do Eu no centro e à frente da relação com o Outro e o mundo, Emmanuel Lèvinas debruça-se na afirmação da saída do ser e na inversão de paradigma para a construção teórica do que ele chama de filosofia primeira: a Ética².

No pensamento levinasiano, o Eu ontológico (Mesmo) deixa de ser o ponto de partida em relação ao Outro. Ao priorizar, na relação, o Outro, sua presença se torna originária e inevitável, assumindo o caráter primordial. Lèvinas passa “[...] a considerar que a relação intersubjetiva é a mais relevante e, mais do que isso, que, nessa relação, é o outro, e não o Eu, que desempenha o papel principal. Valha dizer, “Em outras palavras, o princípio metafísico da identidade é substituído pelo princípio ético da alteridade.” (Silva, 2012, p. 31).

O Outro passa a ser o ponto originário da relação, uma relação intersubjetiva em que o Outro é Outrem, é ele mesmo por si e não pela captação, compreensão, conhecimento, dizer ou saber do Eu ou qualquer outra adjetivação, objetivação, definição que tenha origem neste. Ou como comenta o professor Euclides André Mance (1994, p.

² Ainda no prefácio da obra **Totalidade e Infinito**, Emmanuel Lèvinas (2022, p. 15/16, grifo do autor), discorre que “[...] o essencial da ética está na sua *intenção transcendente* [...]” e complementa que “[...] A oposição tradicional entre teoria e prática desvanecer-se-á a partir da transcendência metafísica em que se estabelece uma relação com o absolutamente outro ou a verdade, e da qual a ética é a via real. [...]”. Lèvinas constrói, de forma não linear o seu pensamento, elaborando uma crítica ao primado da subjetividade do Eu (Mesmo) como centralidade nas relações. Faz uma inversão paradigmática, na qual a alteridade, centralidade de seu pensamento filosófico, apresenta o Outro como absolutamente Outrem, à frente desde sempre na relação face-a-face. Essa relação intersubjetiva e ética é apresentada por Lèvinas como a filosofia primeira, que vem metafisicamente antes de qualquer outra possível fundamentação filosófica ou ontológica.



4), “[...] o outro como outro revela-se infinitamente outro não podendo ser aprisionado em um conceito com suas determinações imanentes, manifestando-se sempre como surpresa e novidade [...]”. O Outro é sempre um Outro que se revela Outrem e estranho ao Mesmo porque não lhe cabe comparação, adjetivação, conceituação. O Outro escapa ao Mesmo e se anuncia sempre, antes, à frente e infinitamente, Outrem.

Emmanuel Lèvinas em **Totalidade e Infinito**, sua principal obra, que trata da alteridade com maior profundidade, ao discorrer sobre o Mesmo e o Outro ensina que

O absolutamente outro é Outrem; não faz número comigo. [...] Sobre ele não posso *poder*, porquanto escapa ao meu domínio num aspecto essencial, mesmo que eu disponha dele: é que ele não está inteiramente no meu lugar. Mas eu, que não tenho conceito comum com o Estrangeiro, sou, tal como ele, sem género (*sic*). Somos o Mesmo e o Outro. A conjunção *e* não indica aqui nem adição, nem poder de um termo sobre o outro. Esforçar-nos-emos por mostrar que a *relação* do Mesmo e do Outro – ao qual parecemos impor condições tão extraordinárias – é a linguagem. A linguagem desempenha de facto uma relação de tal maneira que os termos não são limítrofes nessa relação, que o Outro, apesar da relação com o Mesmo, permanece transcendente ao Mesmo. A relação do Mesmo e do Outro – ou metafísica – processa-se originalmente como discurso em que o Mesmo, recolhido na sua ipseidade de «eu» - de ente particular único e autóctone – sai de si. (Levinas, 2022, p. 25, grifos do autor).

Mesmo e Outro não têm conceito comum capaz de comparação, de definição. A relação é linguagem e esta desempenha uma intersubjetividade em que os termos Mesmo e Outro não fazem fronteira entre si, não se comunicam, não se tocam, não fazem participação um no outro. A relação Mesmo-Outro é metafísica e a Ética da alteridade se processa na saída do ser, na superação do primado subjetivo do Eu. O Mesmo e o Outro não se adicionam, não se complementam, não têm aspectos comuns. O Mesmo é Mesmo e o Outro é Outro. A relação se dá no face-a-face.

Márcio Luis Costa (2000) leciona que a tentativa de apreensão do Outro pelo Mesmo, na relação, ocorre pela experimentação, pela experiência do Outro que está antes e à frente na relação face-a-face. Nas palavras desse comentador de Emmanuel Lèvinas,

A relação entre os entes humanos não é ontológica (constituição, posse, objetivação, exploração, etc.), mas ética. A ética, mais que relação, é experiência: experimentar na transcendência a vergonha e a culpabilidade de uma ingênua liberdade individual e egoísta que tudo pretende agarrar, objetivar e fazer seu para explorar; experimentar “em mim a idéia (*sic*) do infinito que é o Outro” como limite do “eu posso poder” e como primeira aproximação ao Outro; experimentar o desejo metafísico pelo Outro a quem ainda não acedeu; experimentar o encontro sem mediações com o rosto do Outro estando face-a-face com ele; experimentar no “dito” – falado e ouvido – a inesgotabilidade do “dizer” que fulgura no rosto do Outro; experimentar a bondade do “recebimento do Outro em mim”, outro que “vem a mim” assimetricamente pela calçada e de mãos vazias. [...]. (Costa, 2000, p. 139, grifos do autor).



O filósofo esclarece nesta citação que entre os humanos as relações não são ontológicas e coloca entre parênteses para melhor compreensão que essa relação não é constituição, posse, objetivação de qualquer polo da relação sobre outro. A relação é Ética e funda-se, não no domínio ou coisificação do Outro, não no conhecimento ou no que ‘posso’, mas na experimentação do infinito que é o Outro, como primeira aproximação. Relação transcendente de experimentação do Outro no Eu, do Outro que vem e está à frente, adiante; Outro que vem despojado, desprotegido, desguarnecido e sobre o qual o Eu/Mesmo não tem conhecimento, não tem saber, não tem palavras, não tem poder.

Franklin Leopoldo e Silva (2012, p. 39) afirma que o Eu sabe da existência do Outro não por objetividade, porque esta “[...] não é a única forma de contato com o que existe além de mim, é preciso reconhecer uma obviedade: a intersubjetividade é diferente da objetividade.” É na intersubjetividade, nas experimentações intersubjetivas, que reside a relação ética do Mesmo com o Outro. E, continua esclarecendo que

[...] a experiência intersubjetiva não consiste em objetivar o outro; se a intersubjetividade é uma dimensão própria da existência, então é na interface das experiências subjetivas que reconhecemos a alteridade: o *outro eu* não é um paradoxo porque ele já lá está desde sempre, uma vez que não constituímos a intersubjetividade, mas ela nos constitui. (Silva, 2012, p. 39, grifo do autor).

Esse autor é enfático ao frisar que a alteridade é reconhecida na interface da intersubjetividade. Veja-se, ainda, que o comentador acima grifa a expressão *outro eu* para explicar que o Outro está já na interface desde sempre, sem necessidade da construção da intersubjetividade pelo Eu. Lèvinas, não aborda o Outro como um outro eu ou como um outro Mesmo, mas alude o Outro como Outro, absolutamente Outrem.

Concebe-se a existência do Outro antes e à frente do Eu/Mesmo, desde sempre. Segundo o que expressa Douek (2011, p. 154), o Outro não tem dependência alguma em relação ao Eu/Mesmo, não tem comparação, medição comum, não faz número com o Eu/Mesmo. O Outro é definitivamente Outro, absolutamente Outrem, irreduzível, exterior, infinito e transcendente ao Mesmo. O Outro é Outro e precisa assim permanecer, isto é, “[...] que ele não se deixe absorver por mim, o que significa que não posso atingi-lo pela luz ou compreensão, pela consciência, pelo conhecimento [...]”. (Douek, 2011, p. 138). O Outro enquanto Outro permanece desconhecido à minha compreensão, à minha consciência e ao meu conhecimento. Só se pode chegar ao Outro, portanto, por aproximação, na relação face-a-face.



O pensador da alteridade explicita que “[...] O modo como o Outro se apresenta, ultrapassando *a ideia do Outro em mim*, chamamo-lo, de facto, rosto. [...]” (Levinas, 2022, p. 28, grifo do autor). Veja-se que o pensador menciona que o Outro se apresenta como Rosto, que ultrapassa a ideia que tenho dele. Complementa ainda que “[...] O rosto é uma presença viva, é expressão. A vida da expressão consiste em desfazer a forma em que o ente, expondo-se como tema, se dissimula por isso mesmo. O rosto fala. A manifestação do rosto é já discurso. [...]” (Levinas, 2022, p. 54). É pelo Rosto que na relação face-a-face o Outro se apresenta expondo-se como linguagem, que fala, que se manifesta, que se doa. Costa (2020), comentando Lèvinas afirma que

A relação ética com o Outro é linguagem, é rosto, é face-a-face, em suma, não é tematizar o Outro no “meu mundo”, mas no egoísmo “do meu, comunicar-me”, compartilhar “meu mundo” com o Outro. Linguagem é doação e doação é o primeiro gesto ético. [...].

O rosto do Outro recorda as obrigações do “eu”. Nos olhos do Outro o “eu” vê refletido o juízo autocondenatório de sua arbitrária e ingênua liberdade, de seu mover-se no mundo, de seu apropriar-se dos entes para explorá-los, etc. O rosto põe em questão a liberdade e desperta para a vergonha e para a culpabilidade. [...]. (Costa, 2000, p. 140, grifos do autor).

A relação Ética do Mesmo com o Outro impõe doação, abnegação, responsabilidade desapegada, desinteressada. A imagem do Rosto do Outro é a ilustração do juízo autocondenatório do Eu/Mesmo arbitrário e expropriador. A manifestação do Rosto põe em xeque a liberdade do Mesmo e o acorda para a clarividência da culpabilidade subjetiva do querer poder e o embreita na responsabilidade Ética da alteridade. A infinitude do Rosto “[...] é a expressão viva que fala por sua presença. O Rosto explode a formalidade da representação inteligida. Ter uma idéia (*sic*) do Outro é diferente de estar diante do Rosto do Outro, para o qual sua idéia (*sic*) é inadequada. Discurso é desistir de pensar “o Outro”, é, em vez disso, falar-lhe e escutá-lo. [...]” (Costa, 2000, p. 129, grifo do autor).

Minha ideia do Outro não é o Outro, é apenas uma representação inadequada do Outro que faço para mim Mesmo. Estar na relação face-a-face é linguagem que fala e escuta a partir do Outro, do seu Rosto metafísico e infinito, que se impõe e me chama à responsabilidade Ética na relação.

O Outro é Outrem a quem se escuta, a quem se experimenta no face-a-face. A escuta e a experimentação têm o apelo no Rosto do Outro, que exige resposta e responsabilidade. “O rosto está presente na sua recusa de ser conteúdo. Neste sentido, não poderá ser compreendido, isto é, englobado. [...]” (Levinas, 2022, p. 188). Assim, na



relação Mesmo-Outro, não há comparações, não há definições. O Outro permanece essencialmente transcendente. Lèvinas acrescenta ainda que

O fato de o rosto manter pelo discurso uma relação comigo não o inscreve no Mesmo. Permanece absoluto na relação. A dialéctica solipsista da consciência, sempre receosa do seu cativo no Mesmo, interrompe-se. A relação ética que está na base do discurso não é, de facto, uma variedade da consciência, cuja emanção parte do Eu. Põe em questão o eu e essa impregnação do eu parte do outro. (Levinas, 2022, p. 189).

Se abstrai que a presença do Outro não entra na esfera do Mesmo e de sua consciência, extravasa-a e fixa-se infinitamente antes e à frente do Mesmo, cujo movimento de colocar-se à frente parte do Outro. O Outro mantém a exterioridade em relação ao Mesmo. Nessa concepção levinasiana, a relação Mesmo-Outro ultrapassa os poderes do Mesmo e os põe em questão. Ao colocar-se em frente ao Mesmo o Outro deixa transparecer seu Rosto no face-a-face. Assim,

O Rosto se apresenta a mim, em sua fragilidade e nudez, como possível alvo de um assassinato, e exige de mim uma resposta, resposta da qual não posso fugir (pois a não resposta é também uma resposta): respondendo ao Rosto de Outrem, respondo por Outrem, isto é, me responsabilizo por ele. Esta é a relação ética por excelência, na qual a injunção “não matarás” se transmuta em responsabilidade infinita.

Posso querer matar outrem, mas ele me opõe uma força: não se trata de uma força de resistência ou de uma força maior [...], paralisando assim meu próprio poder de poder matá-lo. [...]. (Doueek, 2011, p. 160, grifo do autor).

No face-a-face o Rosto do Outro se apresenta mostrando sua fragilidade e ordenando uma resposta, mesmo que a resposta seja uma não resposta, que também é uma resposta. Dessa responsabilidade o Mesmo não vislumbra ponto de escape, sua responsabilidade é infinita, é uma responsabilidade Ética pelo Outro. Na relação Ética Mesmo-Outro o Rosto deste paralisa o poder querer do Mesmo. Rogério Jolins Martins (2014, p. 35 e p. 43) comenta que “[...] A responsabilidade à qual o sujeito levinasiano deve sua emergência não é recíproca [...]” e que “[...] Para Lévinas, o outro [...] é minha responsabilidade anteriormente a toda tomada de consciência da própria liberdade. [...]”. Há uma responsabilidade forçada pela fragilidade do Rosto, uma responsabilidade desinteressada, sem espera de reciprocidade, sem poder de escolha, mas uma responsabilidade imperativa, anterior, transcendente e infinita, que antecede a consciência da liberdade do Mesmo.



Na mesma senda, o professor Euclides André Mance (1994, p. 4) leciona que “É na relação face-a-face, entre o eu e o outro, que se estabelece a proximidade, cujo sentido primordial e último é a responsabilidade do eu pelo outro, sem exigência de reciprocidade, pois se houvesse tal exigência não se trataria mais de uma relação des-inter-essada. [...]”.

A proximidade Mesmo-Outro chama à responsabilidade desinteressada. Na relação face-a-face Mesmo-Outro, embora haja a responsabilidade exigente e sem necessidade de recíproca do Outro sobre o Mesmo e não obstante a resistência que desautoriza o poder querer do Mesmo, o pensador da alteridade, Emmanuel Lèvinas, arremata que

[...] a «resistência» do Outro não me faz violência, não age negativamente, tem uma estrutura positiva: ética. A primeira revelação do outro, suposta em todas as outras relações com ele, não consiste em apanhá-lo na sua resistência negativa e em cercá-lo pela manha. Não luto com um deus sem rosto, mas respondo à sua expressão, à sua revelação. (Levinas, 2022, p. 191, grifo do autor).

A revelação do Rosto na relação Mesmo-Outro se apresenta como resistência ao meu poder querer, sem que ela me seja violenta, mas uma resistência positiva que chama e impõe uma responsabilidade ética ao Mesmo. A luta do Mesmo dá-se com um infinitamente Outro que oferece o Rosto como proximidade, como resistência, como revelação. Sobre essa questão, ainda se pode complementar, consoante Costa, que

[...] a primeira e mais importante conclusão a que se chega é que a alteridade, ou o Outro quando aparece no face-a-face – relação ética por excelência, em que a cara de um está diante da cara do outro – já encontra aí a cara de um como subjetividade humana eticamente constituída no modo da sensibilidade. A subjetividade ética sensível é anterior à alteridade na relação do face-a-face. A cara sensível não depende do aparecer do outro para ser sensível. A cara do outro não sensibiliza, apenas remete a uma constituição sensível pré-originária e de certo modo esquecida. Não há constituição ética de subjetividade no face-a-face. A ética não começa com o aparecer da alteridade. A cara do outro remete ao pré-originário e é daí que parte a ética. A subjetividade já é sensibilidade antes do aparecer da cara do outro, assim a origem de onde se desprende a ética já está dada antes da face-a-face. A ética de Lévinas, mais que uma ética da alteridade, é uma ética da subjetividade sensível voltada para a alteridade. (Costa, 2000, p. 214).

Atente-se para a fundamentação apresentada por Emmanuel Lèvinas, de que a relação face-a-face é a relação ética por excelência. O face-a-face encontra-se como subjetividade Ética, constituída como sensibilidade. Não obstante, o nosso pensador ressalta que a subjetividade Ética sensível é anterior a alteridade, é uma constituição sensível pré-originária. A relação Ética não começa com a alteridade. A sensibilidade na



relação intersubjetiva caracteriza a Ética da relação Mesmo-Outro em Emmanuel Lèvinas, uma vez que a sensibilidade ética precede a alteridade e o face-a-face.

3 A QUALIDADE DA INTERSEÇÃO (T28) NA RELAÇÃO CLÍNICA ATRAVÉS DO SUBMODO PRINCÍPIO DE VERDADE (Sb 32)

Na Filosofia Clínica, sistematizada por Lúcio Packter, o Tópico 28 da Estrutura de Pensamento diz respeito às Interseções de EP, que podem ocorrer das mais variadas formas, intensidades, qualificações, dependências, subordinações e determinações, envolvendo terapeuta, partilhante e todas as Estruturas de Pensamento com que ambos têm relação, resultando numa rede de interseções, algumas até irreconhecíveis ou de difícil identificação.

Enquanto clínica filosófica, no espaço/tempo da terapia, a interseção fundamental é a que ocorre entre filósofo clínico e partilhante. Ela pode balizar o processo terapêutico e os encaminhamentos clínicos pertinentes à Estrutura de Pensamento daquele que procura a clínica.

A relação entre terapeuta e partilhante, permeia todo o processo clínico. Ao chegar à clínica ou ao ter o primeiro contato com o filósofo clínico já ocorrem as primeiras Interseções entre este e o partilhante. Durante a exposição do assunto imediato³ as Interseções entre as Estruturas de Pensamento de ambos podem ir se ajustando e já se pode começar, embora ainda sem grande fundamentação, qualificá-la. Durante a pesquisa clínica, com a colheita da historicidade, as Interseções de EP do partilhante e filósofo clínico podem ir se aprimorando pela identificação e vivência dos Princípios de Verdade enquanto submodo⁴, estabelecidos entre ambos ou pelas afinidades que são edificadas. A

³ Ao chegar à terapia, a pessoa é acolhida e escutada pelo filósofo clínico, que a questiona sobre o que a leva a procurar pela terapia. As questões que o partilhante traz inicialmente ao filósofo clínico são chamadas em Filosofia Clínica de “assunto imediato”, que poderão ou não se configurarem como o assunto a ser tratado em terapia. Às vezes esse assunto imediato é apenas um assunto reflexo ao verdadeiro assunto que precisa ser trabalhado. Como saber isso? Apenas pela colheita da historicidade, como suas devidas partições (dados divisórios), enraizamentos e montagem da estrutura de pensamento do partilhante, o filósofo clínico poderá identificar e se aproximar do assunto real (assunto último) que, de uma forma ou de outra, afeta o partilhante, e será trabalhado no planejamento clínico, através da aplicação dos submodos informais e/ou formais.

⁴ Da mesma forma que os Tópicos da Estrutura de Pensamento, o Submodos também são ‘formas fazias’, preenchidas pelos conteúdos colhidos na Historicidade do partilhante. Segundo Margarida Nichele Di Paulo e Mariza Zambom Niederauer (2013, p. 261), “No caso dos Princípios de Verdade, existe uma leitura interpretativa que o Filósofo e o Partilhante fazem da realidade, ou de alguns aspectos da realidade vivenciada ou idealizada, revelada via Interseção estabelecida durante o processo clínico. Um olhar semelhante pode envolver sensações, Axiologia, Emoções, Pré-Juízos e assim por diante e favorecer diálogos produtivos par ambos. O relato de experiências semelhantes ou de vivências análogas pode encaminhar soluções para questões até então problemáticas”.



dependem dos Princípios de Verdade constituídos e das interseções construídas, as relações Éticas entre partilhante e filósofo clínico podem perdurar para além da terapia.

Segundo Caruzo (2021, p. 186, grifo do autor), Princípio de Verdade, enquanto “[...] *submodo* se refere ao cultivo desses aspectos em comum visando um fim”. O fim que se espera no espaço/tempo da terapia é que as Interseções de EP entre filósofo clínico e partilhante viabilizem uma construção compartilhada que favoreça uma clínica que proporcione um bem-estar subjetivo à relação e, principalmente, um bem-estar subjetivo à experiência existencial do partilhante. Segundo Paulo e Niederauer,

Esse Submodo é capaz de colocar frente a frente a minha verdade com relação à verdade do meu Partilhante, proporcionando uma conversa franca, um diálogo solto, onde cada um sente-se à vontade para opinar, agendar, concordar ou discordar. Mais uma vez estamos falando em construção compartilhada como forma possível para abrir portas. (Paulo; Niederauer, 2013, p. 262).

Marta Claus Guimarães (2011, p. 65), fundamenta que “[...] a Interseção na clínica filosófica permeia todo e qualquer momento da clínica, estará presente nos Exames Categoriais, nos Tópicos da Estrutura de Pensamento e também nos Submodos”. A interseção surge do encontro entre filósofo clínico e partilhante e, como leciona Genisson Angelo Guimarães (2021, p. 224), “No encontro clínico, enquanto terapeutas em uma relação que nasce a partir da presença de um (esse que nos procura) diante do outro (esse que é procurado), inaugura-se o fenômeno do acontecimento clínico [...]”.

Na prática clínica o partilhante é respeitado em sua singularidade e subjetividade única. A interseção intencional do terapeuta se volta, em Recíproca de Inversão, ao partilhante, indo ao seu mundo, acolhendo, escutando e compartilhando de sua existência. Paulo Roberto Grandisolli (2020), ao comentar sobre os Princípios de Verdade como Submodo, afirma que a principal atitude em clínica é

[...] colocar-se diante e à disposição de, (*sic*) acolher, ouvir, não julgar, dialogar, caminhar com, acompanhar, cuidar... São essas e tantas outras ações/attitudes que determinarão a capacidade de *inter-ação*. Nesse sentido, a inter-ação será construída durante e ao longo do processo terapêutico, possibilitando a ambos, Filósofa(o) Clínica(o) e Partilhante, uma relação de cumplicidade. É só pela e na interseção que poderão ser compartilhados os Princípios de Verdade.⁵ (Grandisolli, 2020, p. 209, grifo do autor).

⁵ No texto original o autor Paulo Roberto Grandisolli utiliza as seguintes abreviações: FilCl, P e PrV. Entretanto, a fim de favorecer a leitura, preferimos substituir as abreviações originais pelos termos correspondentes, respectivamente, Filósofa(o) Clínica(o), Partilhante e Princípios de Verdade.



Ao ir ao mundo do Outro (Submodo 8), desde a primeira relação, pela escuta ética, com agendamentos mínimos e com suspensão de juízos⁶, o filósofo clínico pode identificar no partilhante como se processa informalmente o Submodo 32 (Princípios de Verdade) e formalmente conduzir a vivência desse Submodo a fim de consolidar o vínculo entre a EP do partilhante e a sua, visando a confiabilidade mútua. Will Goya discorre, sobre o Submodo Princípios de Verdade, que

[...] Havendo clareza de como se processa no partilhante o tópico homônimo em relação às pessoas e contextos determinantes do seu eixo de relacionamentos – isto é, os tipos de vínculos de confiabilidade e quais os conteúdos existenciais inseridos nas interseções capazes de levar desde a aproximação e a harmonia até o afastamento e a confusão entre as estruturas de pensamento – o filósofo clínico busca potencializar as mais adequadas e mais altas qualidades de interseções. Tanto quanto ajuda o partilhante a identificar e administrar os mal-estares nascidos de relações que se mostram destoantes dos seus princípios vitais mais íntimos e importantes, aprendendo a respeitar seus próprios limites e a avaliar melhor as consequências da sua potência de expressividade. (Goya, 2020a, p. 257).

Na colheita da Historicidade, quanto maior a expressividade do partilhante, maior a possibilidade de aproximação do filósofo clínico à sua experiência existencial e maior a possibilidade de aplicabilidade de procedimentos clínicos satisfatórios. É possível que na relação de consultório a expressividade do partilhante seja maximizada pelos Princípios de Verdade experienciados na Interseção com o terapeuta, minimizando os desafios da relação.

Bruno Packter (2020, p. 126), ao procurar descrever os possíveis percalços e desafios no cotidiano do filósofo clínico, trata da relação no sentido do movimento que o filósofo clínico deve fazer de ir ao mundo do Outro, abrir-se ao partilhante, suspender seus pré-juízos e sua própria axiologia e considerar a história de vida do Outro, que é o partilhante. Ao intentar a potencialização, via Princípios de Verdade, das Interseções de Estrutura de Pensamento (Tópico 28), em clínica, o filósofo clínico precisa atentar para o fato de que o partilhante é o sujeito fundamental a exigir toda a escuta, atenção e cuidado.

Essa relação chama o filósofo clínico à responsabilidade Ética da escuta desde a Historicidade até o estudo minucioso da Estrutura de Pensamento, uma vez que o mesmo não sabe *a priori* quem é o partilhante e quais suas expectativas com a clínica. É com a colheita da Historicidade e o estudo da EP do partilhante que o filósofo clínico terá

⁶ Em Filosofia Clínica ir ao Outro despido de teorias ou juízos não significa um aniquilamento de si diante do outro, mas uma *epoché*, uma suspensão temporária de seus pré-juízos (valores, crenças, cosmovisões, verdades subjetivas), a fim de acolher o outro em sua singularidade, ao seu modo e ao seu tempo.



conhecimento deste e, apenas por aproximação. A Interseção entre filósofo clínico e partilhante no que tange ao Tópico 28 (Interseções de Estruturas de Pensamento) se processa pela escuta do filósofo clínico, suspendendo seus juízos valorativos ou teóricos, e pela partilha da história de vida por parte do partilhante, cuja qualificação, confiança e abertura podem ser mais abrangentes e completas a depender dos Princípios de Verdade que são estabelecidos entre ambos.

Paula Prizo (2021) reforça essa concepção ao destacar que no método terapêutico da Filosofia Clínica, sistematizado por Lúcio Packter, o terapeuta tem um papel menor frente ao mundo que se descortina a sua frente pelo compartilhamento que o partilhante faz de sua vida e de seu mundo. Prizo afirma que

[...] Na filosofia, Packter encontrou os caminhos para a construção de métodos terapêuticos altamente personalizados a partir dessa busca por conhecer o outro, por conhecer a sua localização no mundo, por conhecer os seus modos de ser e sobretudo com respeito, com ética, com dignidade não partindo de um olhar no qual o terapeuta tem tudo pronto, mas no qual o seu papel ali é menor diante do mundo que está a sua frente que é o mundo daquela pessoa. Assim, a Filosofia Clínica abre um pressuposto para restabelecer a Filosofia enquanto ciência da observação dos fenômenos por sua metodologia voltada para a existencialidade do sujeito. Uma área de atuação para quem tem amor ou amizade pelo saber. (Prizo, 2021, p. 12).

A pesquisa clínica pelo conhecimento do partilhante e sua localização existencial pode desencadear-se numa Interseção de aproximação, que pode ser melhor vivenciada pelo Submodo 32 (Princípios de Verdade), com respeito, com dignidade, com Ética, com escuta, uma vez que o terapeuta não conhece nada, *a priori*, do partilhante. O filósofo clínico faz da ciência da observação e escuta atenta, cuidadosa e Ética o ferramental de aproximação com o mundo desconhecido do Outro, até mesmo para identificar os Princípios de Verdade capazes de consolidar positivamente as Interseções. Desde os primeiros contatos com o partilhante, antes mesmo da colheita da Historicidade, o filósofo clínico pode consolidar os Princípios de Verdade, a fim de possibilitar qualificações positivas das interseções com o partilhante. Nas palavras do próprio sistematizador da Filosofia Clínica aprende-se que

O Filósofo Clínico é inicialmente o estudante de filosofia disposto a compartilhar um caminho incerto com outras pessoas e a atuar filosoficamente em cada endereço desse caminho, pois é em cada endereço que sua identidade se modela. Partilhando um período da existência de outro ser, sob a responsabilidade que o nomeou filósofo, sua identidade reside em sua posição dentro da situação vivenciada. (Packter, 2020, p. 08).



Em Filosofia Clínica, segundo Miguel Angelo Caruzo (2021, p. 24), a terapia é uma construção compartilhada entre o filósofo clínico e o partilhante. O caminho compartilhado é incerto. O Outro é desconhecido e a relação se molda nos endereços existenciais que vão sendo experienciados, vivenciados. O compartilhamento da caminhada no exercício existencial da clínica se faz necessário, uma vez que,

Ocorre também de a pessoa necessitar do filósofo para caminhar existencialmente com ela, acompanhando-a em sua jornada, posicionando-se em seu silêncio, suas interpretações, colocando dúvidas e informações conforme a geografia da trajetória. Essa ação exige do filósofo um entranhado conhecimento dos anseios de seu partilhante. (Packter, 2004, p. 67).

Para obter esse conhecimento entranhado, por aproximação, dos anseios do partilhante, exige-se do filósofo clínico a responsabilidade Ética para com a existencialidade do Outro como único e insubstituível, criando vínculos de respeito e de escuta. Segundo o professor Will Goya (2010, p. 52) “[...] Tais vínculos de intercâmbio são chamados de interseções e formam acordos, combinam ajustes tão sutis que, como a própria vida, não podem ser engessados pelo dogma de qualquer teoria universal. [...]”

A interseção estabelecida exige vínculos que vão sendo estabelecidos, acordados, ajustados na caminhada da clínica. O professor Bruno Packter (2020, p. 128, grifos do autor) sustenta que “Nem sempre quando uma pessoa estabelece *Interseção* ela está atenta aos elementos da *Interseção*, mas à *Interseção* em si. Então, ela pensa que está com outra pessoa, que está tudo bem e não se preocupa com os vínculos, com os elementos que fazem essa cola de *Interseção*. [...]”. Esse autor quer chamar à atenção para o fato de que nos espaços das Interseções entre o terapeuta e partilhante existem elementos que se destacam e precisam ser atentamente observados e analisados pelo filósofo clínico, uma vez que “[...] Esses elementos, às vezes, são os mesmos que depois vão causar um afastamento”. (Packter, 2020, p. 128).

O filósofo clínico precisa fazer suspensão de seus juízos, de suas verdades subjetivas, de sua axiologia e despindo-se de qualquer julgamento se colocar em Recíproca de Inversão e estabelecer Princípios de Verdade capazes de aprimorar a Interseção, pois

[...] o que mais importa ao partilhante, durante a terapia, é saber e sentir toda a disponibilidade para a escuta que o filósofo clínico lhe oferta e que, mesmo revelando suas verdades mais difíceis e cruéis, ainda assim continuam amigos. É bom que se entenda: é imprescindível respeitar a autonomia de quem a tem e fundamental não cobrá-la de quem não a pode dar. A Filosofia Clínica, mais do que um cuidado genérico com o ser humano, é um cuidar do jeito de ser de cada um. (Goya, 2010, p. 175-176).



As Interseções, os ajustes de uma construção compartilhada da existência na clínica filosófica, impõe ao terapeuta a disponibilidade para a escuta, o cuidado e a responsabilidade Ética pelo Outro. As relações entre o filosófico clínico e partilhante, na terapia, no que tange ao Tópico 28 (Interseções de Estruturas de Pensamento) demandam disposição para ir ao Outro (Tópico14/Submodo8) despido de teorias ou juízos. Nesse intento, qualificar as interseções com Princípios de Verdade enquanto Submodo pode auxiliar significativamente na construção e desenvolvimento da clínica compartilhada que possa ser benéfica existencialmente tanto ao partilhante como ao filósofo clínico.

Cada partilhante é único em sua singularidade, tem sua própria historicidade, suas experiências e vivências subjetivas. As Interseções que a Estrutura de Pensamento do partilhante estabelecem podem ser diversas e qualificadas diferentemente.

Bruno Packter (2020, p. 129-130) discorre que existem pessoas cujas Interseções são de curta duração e sob condições, outras que estabelecem Interseções por abstrações, necessitando de distância física para ocorrerem. Algumas pessoas podem estabelecer Interseções em que o outro é uma coisa ou um produto, com prazo de validade. Para outras, ainda, o outro nem coisa é, é um espelho. São variadas as possibilidades. Em todo caso, a relação Ética filósofo clínico-partilhante, em terapia, exige a escuta e o cuidado ao modo de ser do Outro, e as Interseções de Estruturas de Pensamento entre ambos poderão ocorrer com uma qualificação ou outra se o filósofo clínico se dispuser a esvaziar-se, *a priori*, de suas próprias teorias e juízos e fazer Recíproca de Inversão, escutando e cuidando do Outro a partir da historicidade e da Estrutura de Pensamento do partilhante, com o qual pode estabelecer Princípios de Verdade que aproxime e qualifique a relação entre ambos.

Lúcio Packter (2020, p. 15) destaca a importância do interesse mútuo entre filósofo clínico e partilhante em clínica, uma vez que a terapia na Filosofia Clínica é uma construção eticamente compartilhada e que pode perdurar para além do espaço/tempo da terapia.

4 A INTERSUBJETIVIDADE NA PERSPECTIVA DE LÈVINAS E LÚCIO PACKTER

Discorrer sobre a intersubjetividade na perspectiva de Emmanuel Lèvinas e Lúcio Packter requer um certo malabarismo fenomenológico, epistemológico e pragmático. Ambos filósofos tratam da relação subjetiva e dual entre indivíduos. Lèvinas desenvolve



a reflexão da Ética da alteridade na relação do Mesmo e o Outro, em que o Outro é absolutamente Outro, anterior e transcendente, sob a responsabilidade incondicional do Eu. Lúcio Packter inspira-se em Lèvinas e outros filósofos da alteridade para tecer uma clínica rica em alteridade, mas ao seu modo, na qual o terapeuta é eticamente responsável pela escuta e o cuidado do partilhante.

Em que pesem as formulações desses pensadores não se referirem diretamente a uma mesma proposta de intersubjetividade, não se pode negar o fato de a Ética da alteridade de Lèvinas inspirar nosso estudo sobre a qualidade da Interseção entre o terapeuta e o partilhante da Filosofia Clínica.

Ambos pensam a intersubjetividade, cada um nas suas especificidades. Emmanuel Lèvinas pensou a Ética da alteridade na relação Mesmo-Outro, deslocando o paradigma do Outro como Outrem, que antecede desde sempre o Eu.

A socialidade no pensamento filosófico de Lèvinas está alicerçada na relação intersubjetiva e ética com cada Outro, ou como afirma Martins (2014, p. 49), que “[...] Uma ética não deve ser apenas sublime, ou ingeniosamente fundamentada; ela deve comprometer no nível dos negócios corriqueiros e baixos, deve envolver a consciência sadia de cada um [...]” nas ações e atitudes ordinárias do cotidiano, mesmo nas mais ínfimas que ocorrem, com possibilidade de articulação da responsabilidade Ética com a justiça, com correção e limitação necessária à inteireza e absolutidade da responsabilidade por Outrem. Como argumenta François-David Sebbah, que

[...] minha responsabilidade por Outrem (que será sempre *determinado* Outrem, *determinado* rosto) não me leve a causar prejuízo ao outro Outrem, ao outro do outro. A responsabilidade ou o amor por Outrem desdobrar-se-ia, assim, naturalmente em justiça para não se trair [...]. O caráter incondicional e absoluto do dom de si – para o si mesmo e de seu ponto de vista – não impede e, até mesmo, exige que esse dom esteja submetido à moderação e às circunstâncias – no momento em que é o ponto de vista dos outros que é adotado. Caso contrário, a absolutidade do dom de si voltar-se-ia contra ela própria. (Sebbah, 2009, p. 207, grifos do autor).

A relação face-a-face é sempre entre o Mesmo e determinado Outro, determinado Rosto. Não obstante a responsabilidade Ética que o face-a-face me chama a praticar, minha responsabilidade não pode ser absoluta com o determinado Outro ao ponto de prejudicar terceiros. A responsabilidade Ética também impede o Mesmo de causar prejuízo ou violência ao Outro do Outro, pela moderação, pela justeza da ação praticada.



O caráter incondicional da responsabilidade Ética não exclui da relação o Outro do Outro, que precisa estar presente pela sua condição de existencialidade. Lúcio Packter ensina que

[...] o objetivo da clínica filosófica é, tanto quanto possível, reconhecer e entender as interseções (choques) entre os Tópicos da Estrutura de Pensamento e, em seguida, utilizar os Submodos para tentar trabalhar essas interseções tópicas. Trabalhar no sentido de resolver, aplacar, abrandar, dissolver, absorver, expurgar? *A priori*, não sei. A resposta vai depender do que for obtido da pesquisa que o filósofo clínico e a pessoa conseguirem em seu trabalho mútuo. [...]. (Packter, 2020, p. 16, grifo do autor).

Assim, a Interseção de EPs pensada por Lúcio Packter a partir da prática clínica, pode ser aquela onde não hajam julgamentos, preconceitos ou pré-juízos. Uma relação face-a-face de aproximações, onde a sabedoria do não conhecer o infinito que há entre o filósofo clínico e o partilhante, conduza à tolerância, ao respeito, ao acolhimento e à escuta atenta e cuidadosa. As relações Éticas entre filósofo clínico e partilhante podem causar, por consequência, ações, relações e Interseções Éticas reflexas em outras pessoas. Destarte, a Ética praticada no espaço/tempo da terapia pode se expandir para fora e além da relação face-a-face filósofo clínico e partilhante. Em outros termos,

O filósofo clínico sabe o quanto não sabe e o quanto há um infinito entre ele e o partilhante. Esse saber que não sabe implica em um grande conhecimento para desconstruir o nosso julgamento projetivo, pessoal ou cultural sobre o outro. O olhar ao outro se dá com uma escuta atenta e cuidadosa que vai além das palavras exigindo uma habilidade epistêmica que o leva a saber se aproximar. O filósofo clínico procura assegurar nesse esforço de aproximação garantir o menor agendamento possível de sua presença diante do outro. Portanto toda a metodologia existe para ter conhecimento suficiente para não julgar o outro num movimento dialético entre a ética e a subjetividade, a linguagem e a singularidade. (Prizo, 2021, p. 19).

As perspectivas da intersubjetividade em Lèvinas e da Interseção de EPs em Lúcio Pacter estão centradas na responsabilidade Ética como um exercício constante. Para Lèvinas a alteridade Ética é um imperativo em que, na relação Mesmo-Outro, o Mesmo é responsável pelo Outro, que é Outrem. Em Lúcio Packter, na interseção Mesmo-Outro, o filósofo clínico (Mesmo) se responsabiliza pelo cuidado clínico ao jeito singular de ser de cada partilhante (Outro), a partir da vivência clínica da metodologia sistematizada que visa localizar o partilhante e mapear sua Estrutura de Pensamento.

A vivência prática da Ética da alteridade que os filósofos clínicos buscam tem potencial para inspirar outras ambientações sociais como na educação, no mundo



corporativo, no comércio, nas relações internacionais e no cotidiano simples em que as pessoas se encontram.

5 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA E DISCUSSÃO

O presente trabalho se trata de um artigo de revisão, cuja investigação desenvolvida é de caráter qualitativo, na qual se utilizou a análise de dados historiográficos e teóricos coletados a partir de revisão de Literatura com base em bibliografias previamente estudadas, fichadas, resumidas e resenhadas como atividades práticas das aulas de Metodologia da Pesquisa Científica no Curso de Mestrado Livre Institucional e Internacional, em Filosofia Clínica, do Instituto Sendkto de Ensino Superior e demais obras relacionadas ao objeto de pesquisa.

Como fundamento do método procedimental bibliográfico no trato do *corpus* da pesquisa analisado, ou seja, o conjunto de textos em meio físico e digital, foram utilizados os métodos descritivo, fenomenológico e filosófico-clínico packteriano de abordagem.

A pesquisa demonstrou que a responsabilidade ética da alteridade em Emmanuel Lèvinas promoveu um corte epistemológico da Filosofia tradicional, colocando o Outro em sua antecedência e transcendência em relação ao Mesmo. O Outro é um absolutamente Outro, é Outrem, sem que o Mesmo possa poder sobre ele, mas em cujo Rosto carregado de fragilidade transpassa o apelo à responsabilidade do Mesmo, sem liberdade de escolha.

A Ética da alteridade em Lúcio Packter ganha contornos práticos na clínica filosófica, onde as Interseções, que se estabelecem entre o terapeuta e o partilhante podem ser qualificadas positivamente pelos Princípios de Verdade (Submodo 32), exigindo do filósofo clínico a acolhida, o cuidado, a escuta e o respeito à singularidade e subjetividade do Outro, o que requer suspensão de juízos e responsabilidade.

A intersubjetividade pensada por Lèvinas, que inspira a Interseção de EPs na Filosofia Clínica de Lúcio Packter, tem o foco basilar na responsabilidade Ética como um exercício constante. Em Lèvinas, a Ética da alteridade é um imperativo, em que, na Interseção de EPs, o Mesmo, ou seja, o sujeito, é responsável pelo Outro, que é Outrem. Em Lúcio Packter, na relação clínica, o filósofo clínico se responsabiliza pelo cuidado clínico ao jeito singular de ser de cada partilhante, a partir da vivência clínica da metodologia sistematizada que visa localizar o partilhante e mapear sua Estrutura de Pensamento.



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa abordou, nos limites possíveis e necessários, a relação ética Mesmo-Outro em Emmanuel Lèvinas e as Interseções de EPs entre filósofo clínico e partilhante na Filosofia Clínica de Lúcio Packter e a intersubjetividade decorrente da construção elaborada por ambos, em suas especificidades.

Delineou-se o pensamento de Lèvinas que, estabelece a responsabilidade Ética da alteridade, elevando o Outro ao seu lugar originário, anterior e transcendente ao Mesmo, posicionando-o como um absolutamente Outro ou, Outrem. Na relação face-a-face, o Outro, através do Rosto, impõe a responsabilidade incondicional e inalienável ao Eu, e que inspira e confirma, mantidas as diferenças, a Filosofia Clínica de Lúcio Packter, que também busca uma práxis de alteridade e um rigor ético que exige uma responsabilidade do filósofo clínico.

Descreveu-se do mesmo modo, dentro das limitações formais deste trabalho, as Interseções de EP entre terapeuta e partilhante na Filosofia Clínica sistematizada por Lúcio Packter e as possibilidades de qualificação das mesmas via Submodo 32 (Princípios de Verdade), bem como a Ética da alteridade e da responsabilidade da suspensão de juízos e da escuta e cuidado do filósofo clínico para com a singularidade e subjetividade de cada partilhante que descortina sua historicidade ao terapeuta.

A partir da hermenêutica da construção filosófica de ambos, da alteridade de Lèvinas e do método da Filosofia Clínica de Packter, buscou-se descrever uma proposta de interseção positiva que pode inspirar a vida em sociedade em várias ambientações. Esperamos que essas reflexões inspirem um tipo de socialidade em que a responsabilidade Ética esteja articulada com a justiça e os sistemas econômico e político, para além da relação ética do face-a-face levinasiano e da interseção subjetiva da vida do consultório entre partilhante e filósofo clínico, onde todos tenham lugar existencial com um mínimo de bem-estar e o cuidado com o Outro de todos os Outros respeite a singularidade e a subjetividade de cada um Outro.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Herlon Alves. **A trajetória bioepistemográfica de Emmanuel Lèvinas: pistas pra uma prática intercultural do pensamento.** R. Adm. Educacional. Recife, v.4, n.10, p. 1-202, jul/dez 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ADED/article/view/2301/1853>. Acesso em: 18 fev. 2022.



CARNEIRO, Alfredo. **Emmanuel Lévinas: Introdução à Filosofia da Alteridade.**

Disponível em: <https://www.netmundi.org/filosofia/2014/levinas-filosofia-da-alteridade/#:~:text=O%20fil%C3%B3sofo%20lituano%2Dfranc%C3%AAs%20Emmanuel,baseada%20na%20ideia%20de%20Alteridade>. Acesso em: 28 abr. 2022.

CARUZO, Miguel Angelo. **Introdução à Filosofia Clínica.** Petrópolis: Vozes, 2021. 205p.

CHALIER, Catherine. **Levinas: a utopia do humano.** Lisboa: Instituto Piaget, 1993. 196p.

CINTRA, Benedito E. Leite. **Pensar com Emmanuel Levinas.** São Paulo: Paulus, 2009. 188p.

CLAUS, Marta. **As Filosofias Aplicadas emergentes em fins do século XX e início do século XXI.** Apostila 1 Introdução à Filosofia Clínica. Instituto Campinas, 2015. 48p.

COSTA, Márcio Luis. **Lévinas, uma introdução.** Petrópolis: Editora Vozes, 2000. 239p.

CRUZ, Ricardo Souza. **Uma breve leitura sobre a ética da alteridade em Emmanuel Lévinas.** Disponível em:

<http://ri.ucs.br:8080/jspui/bitstream/prefix/3315/1/Uma%20breve%20leitura%20sobre%20a%20%C3%A9tica%20da%20alteridade%20em%20Emmanuel%20L%C3%A9vinas.PDF>. Acesso em: 01 mar. 2022.

DOUEK, Sybil Safdie. **Paul Ricoeur e Emmanuel Lévinas: um elegante desacordo.** São Paulo: Edições Loyola, 2011. 343p.

GOYA, Will. **A Escuta e o Silêncio: lições do diálogo na filosofia clínica = Listening and silence: lessons from dialog in clinical philosophy / Will Goya; tradução Clare Charity; revisão Fernanda Moura.** Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010. 422p.

GOYA, Will. **A Escuta e o Silêncio: a história de Laura – Terapia em Filosofia Clínica.** 4. Ed. Porto Alegre: Editora Mikelis, 2020a. 268p.

GOYA, Will. Onde está Lúcio Packter?. *In:* SILVA, Miguel (Org.). **Lúcio Packter e a Filosofia Clínica no Brasil.** Porto Alegre: Editora Mikelis, 2020b. 241p.

GRANDISOLLI, Paulo Roberto. Sm 32 – Princípios de Verdade – Pensando os Submodos na prática clínica, na formação, na vida... *In:* FERNANDES, Cláudio et al. (Orgs.). **Filosofia Clínica - Submodos.** São Paulo: Recanto da Filosofia Clínica, 2020. 224p.

GRZIBOWSKI, Silvestre. **Transcendência e ética.** Um estudo a partir de Emmanuel Levinas. São Leopoldo. Oikos, 2021. 112p.

GUIMARÃES, Genisson Angelo. Tópico 28 – Interseções de Estruturas de Pensamento. *In:* FERNANDES, Cláudio; GUIMARÃES, Genisson A.; SILVA, Márcio



José; GRANDISOLLI, Paulo R. (orgs.). **Tópicos**. Recanto da Filosofia Clínica: São Paulo, 2021. 277p.

HUTCHENS, B. C. **Compreender Lévinas**. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2007. 238p.

LÉVINAS, Emmanuel. **Da existência ao existente**. Tradução Paul Albert Simon, Ligia Maria de Castro Simon. Campinas: Papyrus, 1998. 119p.

LÉVINAS, Emmanuel. **De Deus que vem à ideia**. Tradução de Marcelo Fabri, Marcelo Luiz Pelizzoli, Evaldo Antônio Kuiava. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 231p.

LEVINAS, Emmanuel. **De outro modo que ser ou para lá da essência**. Tradução de José Luis Pérez e Lavínia Leal Pereira. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011. 196p.

LEVINAS, Emmanuel. **Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. 290p.

LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito**. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1982. 103p.

LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 1993. 109p.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Tradução de José Pinto Ribeiro. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2022. 310p.

LÉVINAS, Emmanuel. **Violência do rosto**. Tradução de Fernando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2014. 43p.

LIMA, José Gabriel de Oliveira, SILVA, Márcio José Andrade da. **Atitude Filosófica – Filosofia Clínica e Contemporaneidade**. Apostila 1 Introdução à Filosofia Clínica. Instituto Campinas, 2015. 48p.

MAGALHÃES, Marta Claus. **A possibilidade da Historicidade do partilhante como fundamentação teórica da prática clínica**. 2011 – Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto Packter, Porto Alegre, 2011.

MANCE, Euclides André. **Emmanuel Lévinas e a Alteridade**. Revista Filosofia 7(8): 23-30 abr 94.

MARTINS, Rogério Jolins; LEPARGNEUR, Hubert. **Introdução a Lévinas: pensar a ética no século XXI**. São Paulo: Paulus, 2014. 68p.

NASCIMENTO, Cadu. Filosofia Clínica e Hospitais. In: SILVA, Miguel (Org.). **Lúcio Packter e a Filosofia Clínica no Brasil**. Porto Alegre: Editora Mikelis, 2020. 241p.

PACKTER, Bruno. O cotidiano do filósofo clínico. In: SILVA, Miguel (Org.). **Lúcio Packter e a Filosofia Clínica no Brasil**. Porto Alegre: Editora Mikelis, 2020. 241p.



- PACKTER, Lúcio. **Buscas, caminhos existenciais**. Florianópolis: Garapuvu, 2004. 88p. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/65842959/Buscas-caminhos-existenciais-Lucio-Packter> . Acesso em: 19 jul. 2021.
- PACKTER, Lúcio. **Caderno A – Filosofia Clínica**. Porto Alegre: Mikelis, 2020. 67p.
- PACKTER, Lúcio. **Filosofia Clínica: propedêutica**. Florianópolis: Garapuvu, 2001. 176p.
- PASTORIO, Elcio Joél. **Características e fundamentações filosóficas da intersubjetividade nas Interseções de Estrutura de Pensamento (T28)**. 2024. 89 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia Clínica) – Instituto Sendtko de Ensino Superior, Chapecó/SC, 2024.
- PAULO, Margarida Nichele Di; NIEDERAUER, Mariza Zambom. **Compêndio de Filosofia Clínica – Caso Nina**. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2013. 308p.
- PELIZZOLI, Marcelo Luiz. **A relação ao outro em Husserl e Levinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994. 116p.
- PELIZZOLI, Marcelo Luiz. **Levinas: a reconstrução da subjetividade**. Porto Alegre: DIPUCRS, 2002, 248p.
- PRIZO, Paula Regina Medeiros. **Filosofia Clínica: a busca pela liberdade do ser**. 2021. Monografia (Bacharelado em Filosofia). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. 70p.
- RIBEIRO JR, Nilo. **Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas**. São Paulo: Loyola, 2005. 337p.
- SEBBAH, François-David. **A ética do sobrevivente: Levinas, uma filosofia da derrocada**. Tradução de Leonardo Meirelles. Passo Fundo: Conhecer, 2021. 110p.
- SEBBAH, François-David. **Lévinas**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. 248p.
- SILVA, Franklin Leopoldo e. **O Outro**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. 62p.
- SOUZA, Ricardo Timm de. **Sujeito, ética e história**. Porto Alegre. EDIPUCRS, 1999. 183p.
- SUSIN, Luiz Carlos. **O Homem Messiânico**, uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas. Petrópolis: Vozes, 1984. 486p.

* Mestrando do Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Instituto Sendtko de Ensino Superior Chapecó-SC – Mestrado Livre e Institucional em Filosofia Clínica (PPG-MLI-FC). E-mail: pastoriofepoche@gmail.com.